

Esvaziamento

'Históricos' querem convocar Diretório para decidir ruptura

Do Sucursal de Brasília

Os "históricos" do PMDB decidiram ontem convocar o Diretório Nacional do partido para uma reunião dia 3 de fevereiro e formalizar a disputa ideológica que hoje divide os peemedebistas. O Diretório, querem os "históricos", deverá se pronunciar sobre três questões básicas: o rompimento ou "afastamento" formal entre o partido e o governo Sarney, o "enfrentamento" com os peemedebistas do Centrão e a definição por eleições presidenciais em 88.

Reunidos ontem por quatro horas no auditório Nereu Ramos, na Câmara, os "históricos" do PMDB conseguiram contornar suas divergências (entre a extrema esquerda e o bloco liberal) e jogaram para a reunião do Diretório a decisão final sobre o futuro do partido. Até ontem, o deputado Euclides Scalco (PMDB-PR) já tinha conseguido 21 das 41 assinaturas necessárias de membros do Diretório para sua convocação.

Participaram do encontro dos "históricos" cerca de duzentos militantes e parlamentares da esquerda e centro-esquerda do partido. Até as 13h30, exatamente cem deputados federais e senadores haviam assinado a lista de presença. Com exceção do presidente do partido, Ulysses Guimarães, dos ministros e dos governadores, todas as grandes lideranças do PMDB estiveram no Nereu Ramos.

Instância formal

A convocação do Diretório significa levar para uma instância formal (e a mais importante do partido, fora a convenção) todas as questões apoiadas por quase unanimidade, na reunião informal de ontem. A mais importante é o "afastamento" com o governo, tema da maioria dos discursos. Ninguém, ontem, defendeu o governo Sarney. Ao contrário, ele foi chamado de "corrupto" pela deputada Cristina Tavares (PE), de "ineficiente" pelo deputado Nelson Friedrich (PR) e de estar "malufando" pelo senador Fernando Henrique Cardoso (SP), líder do PMDB no Senado. O senador Mário Covas (PMDB-SP) afirmou: "este governo caminha inexoravelmente para a direita" — e foi um dos oradores mais aplaudidos.

A nota divulgada durante o encontro pede "o reconhecimento, por decisão do Diretório Nacional a ser tomada nos próximos trinta dias, de que o governo — por suas políticas, práticas e escolhas — afastou-se do PMDB, e que a este cabe opor-se às decisões do governo que contrariam seu programa". A nota foi acertada ontem de madrugada numa reunião na casa do senador Fernando Henrique Cardoso, em que estiveram também os senadores Mário Covas (SP), José Richa (PR), os deputados Euclides Scalco (PR), Pimenta da Veiga (MG), Rose de Freitas (ES) e o ex-governador Franco Montoro.

Ontem de manhã, o deputado



O auditório Nereu Ramos da Câmara, com faixas como "O Brasil precisa de um presidente" e "PMDB foi governo mas o governo nunca foi PMDB", ontem, durante a reunião dos "históricos" do partido

Euclides Scalco obteve quarenta assinaturas para um documento em que pediu "rompimento formal com o governo, já e agora". Scalco, vice-líder do PMDB encabeçou o abaixo-assinado, que teve assinaturas dos deputados Maurício Fruet (presidente do diretório do PMDB-PR), Nelson Friedrich (líder do Movimento da Unidade Progressista, que reúne a esquerda do PMDB), dos senadores Severo Gomes (SP), Nelson Wedekin (SC), Mansueto de Lavor (PE), dos deputados Robson Marinho (SP), Nelson Jobim (RS) e outros.

Pimenta da Veiga, que defendia a imediata formação de um novo

partido, concordou em adiar a decisão. "Minhas esperanças renasceram, mas estamos na hora da verdade final", Pimenta defendeu, sob aplausos, o "enfrentamento dentro do PMDB", isto é, uma ruptura com os 131 deputados do Centrão, na reunião do Diretório, dia 3. O único deputado que anunciou seu afastamento do partido foi Fernando Lyra (PE). Friedrich colocou a questão da saída da esquerda do PMDB mas não a formalizou. Até anteontem, havia o risco de que pelo menos vinte deputados do MUP aproveitassem a reunião dos "históricos" para sair do PMDB.

A "renovação imediata das práticas partidárias" defendida na nota dos "históricos" passará pelo preenchimento do cargo de 3º vice-presidente do PMDB, hoje vago depois da saída do senador Afonso Camargo para o PTB. O nome dos "históricos" para o cargo é o senador José Richa, que poderá transformar-se no virtual presidente do partido, caso o titular, Ulysses Guimarães, saia candidato à Presidência da República.

Faixas mostram a disputa pela sucessão

Do Sucursal de Brasília

As faixas nas paredes do Auditório Nereu Ramos foram uma prévia da campanha pela indicação do candidato do PMDB à Presidência. "O Brasil só vai para frente com Covas presidente"; "Fernando Henrique presidente, se Deus quiser"; "Presente, passado e futuro, Montoro sempre PMDB", diziam algumas faixas. Nenhuma apresentava Ulysses como candidato. Outras faixas resumiam o tom da reunião: "PMDB, a saída é a saída"; "O PMDB foi governo, mas o governo nunca foi PMDB"; "Afastamento já do governo, com a saída dos nossos ministros"; "PMDB no rumo certo ou outro partido"; "Ulysses, Covas, Montoro, Fernando Henrique e Richa, precisamos resgatar a história do PMDB". Embora ninguém tenha falado em nomes de candidatos nos discursos, a reunião dos s "históri-

cos" ontem teve, o tempo todo, como pano de fundo, a campanha eleitoral.

O senador Mário Covas (PMDB-SP) agitou o plenário quando pediu que os 200 presentes levantassem a mão em favor da eleição em 1988. Todos aprovaram o pedido.

No mais longo e aplaudido discurso do dia, Covas disse que o candidato do PMDB à Presidência da República "não deve ser um candidato apoiado pelo presidente Sarney, deve ser um candidato contra o governo e não a favor dele". Essa declaração tem endereço certo: o governador paulista Orestes Quércia, que na semana passada saiu de uma reunião com Sarney dizendo exatamente o contrário de Covas — que o candidato do PMDB deveria ser apoiado pelo presidente e apoiar o governo, nos palanques.

O senador José Richa (PMDB-PR) apresentou um documento,

"proposta para superação da crise", que foi uma espécie de pré-plataforma do futuro candidato do PMDB. Defendeu o parlamentarismo logo que aprovada a Constituição e a preparação de um programa econômico para aplicação de propostas de curto e médio prazo. Por fim, apresentou um perfil do candidato do PMDB: "Que seja amplamente reconhecido pelo povo brasileiro como o candidato presidencial mais qualificado para enfrentar a crise global que nos assola, e dar confiável execução à consolidação de uma democracia social e a reorientação do país na direção do seu grande destino".

Na abertura do encontro, o sociólogo Hélio Jaguaribe previu que o país caminhará e a "estagnação" e o "caos social" até o fim do primeiro semestre, se não houver "vontade política" para aplicar medidas econômicas "não recessivas".

"Prolongar o transitório é farsa"

Esta é a mensagem da nota aprovada pela reunião dos "históricos" do PMDB:

"A luta histórica do PMDB, sustentada há mais de 20 anos, pelas bases e lideranças partidárias, é pela democracia e por um projeto nacional de desenvolvimento, que promova o crescimento do país e corrija as desigualdades sociais e regionais.

O autêntico PMDB é um partido forjado nas trincheiras da resistência ao autoritarismo e sempre se manteve numa postura de seriedade e espírito público.

Suas teses programáticas foram provadas em administrações que exercera nos vários planos da vida pública do nosso país e seus efeitos positivos foram reconhecidos pela população nas esmagadoras vitórias eleitorais do partido nos últimos anos.

Essa fidelidade ao programa está hoje comprometida por práticas políticas de clientelismo e fisiologia, que desmoralizam a função pública e fazem a sociedade descrever das instituições e dos governantes.

Teses que exprimem o programa do partido e a vontade majoritária da bancada do PMDB na Constituinte vêm sendo torpedeadas por forças reacionárias. Entre essas teses a que prevê a descentralização tributária e fortalece economicamente o município e o Estado. Essa proposta, motivo de ampla negociação na Constituinte, é agora condenada pelo Governo Federal, que se recusa a abrir mão de seu poder centralizador.

O autêntico PMDB não pode silenciar ante essas práticas, sob pena de traí-lo o compromisso que assumiu em praça pública com as mudanças morais e sociais. Deve denunciar à sociedade e lutar no âmbito da Constituinte e do partido para que prevaleçam posições que atendam aos interesses e à vontade do povo brasileiro.

Precisamos vencer as forças retrógradas que desencadeiam manobras visando protelar a nova Constituição e retardar o fim da transição e a eleição do Presidente da República.

Conduzindo o maior movimento popular da nossa história, que promoveu o reencontro do Brasil com o regime democrático — a campanha das diretas — o PMDB assumiu a responsabilidade de promover a transição do autoritarismo para a democracia, que se encerra com a aprovação da nova Constituição e a realização de eleições presidenciais. Prolongar o transitório é farsa.

Reunidos em Brasília, militantes, parlamentares e lideranças do partido em todo o Brasil, empenhados na luta pelo resgate dos compromissos do movimento democrático brasileiro, se unem em torno dos seguintes pontos:

1. aprovação rápida da nova Constituição — Constituição já;
2. eleições presidenciais em 88;
3. renovação imediata das práticas partidárias, a começar pelo preenchimento, dentro de 30 dias, das vagas da direção por representantes fiéis à linha pragmática;
4. reconhecimento, por decisão do Diretório Nacional a ser tomada nos próximos 30 dias, de que o governo — por suas políticas, práticas e escolhas — afastou-se do PMDB, e que a este cabe opor-se às decisões do governo que contrariam seu programa;
5. elaboração de uma plataforma para o Brasil a ser sustentada por um candidato à Presidência da República, que expresse autenticamente os ideais de luta democrática e mudança social que marcam a história do PMDB.